

Je suis Charlie

Jacques-Alain Miller

O retorno da blasfêmia¹

Dizem: "São uns bárbaros". Sem dúvida. Contudo, esse terrorismo aí não é nada cego, ele tem os olhos abertos, ele está focado no alvo. Ele também não é mudo. Ele gritou: "Vingamos o profeta Maomé!". No final do século passado imaginavam que noções como a blasfêmia, o sacrilégio, a profanação não eram senão vestígios do passado. Não é nada disso. Deve-se constatar que a era da ciência não dissipou o sentido do sagrado; que o sagrado não é um arcaísmo. Sem dúvida, ele não tem nada de real. É um fato de discurso, uma ficção, mas aquela que mantém juntos os signos de uma comunidade, a pedra angular de sua ordem simbólica. O sagrado exige reverência e respeito. Sem isso, é o caos. Então Sócrates foi convidado a beber cicuta. Em nenhum lugar, nunca, desde que existem homens e que falam, foi lícito tudo falar.

Exceto em psicanálise, experiência muito especial, explosiva, que está só no começo. Exceto nos Estados Unidos, mas a liberdade de falar garantida pela Constituição ali se encontra limitada por um sentimento bem particular de decência. Foi assim que a grande maioria da imprensa se absteve de reproduzir as caricaturas de Maomé, por respeito pelo "grande sofrimento" dos muçulmanos. Mesmo princípio para o "politicamente correto". O afeto doloroso assinala que a libido está aqui em jogo. Se o sagrado não é real, o gozo que aí se condensa, este o é. O sagrado mobiliza êxtases e furores. Mata-se e morre-se por ele. Um psicanalista sabe a que alguém se expõe quando titila no

outro "o impossível-de-suportar" (Lacan). É por isso que Baudelaire cita Bossuet, "O sábio só ri ao tremer", e atribui ao cômico uma origem diabólica. Ora, qual foi o principal operador das Luzes, se não o rir? Maistre fala do "rictus" de Voltaire, Musset de seu "ignóbil sorriso". As doutrinas da tradição não foram refutadas, destaca Leo Strauss, mas caçadas pelo riso.

Charlie Hebdo estava entre nós como o alvo-fundador dessa derrisão fundadora. Cabu, Charb, Tignous, Wolinski não estavam prometidos para avizinhar-se ao *chevalier de La Barre*². Desde 1825, ninguém mais tentou restaurar entre nós uma lei sobre a blasfêmia. Como eles vieram a perecer como mártires da liberdade de imprensa? É que universos de discurso outrora separados e estanques, agora se comunicam. Eles estão mesmo imbricados, enquanto o sagrado de um e o "nada de sagrado" do outro estão nas antípodas. Exceto ao rebobinar o filme dos tempos modernos deportando por todo lado os alógenos, a questão – de vida ou morte – será saber se o gosto do riso, o direito de ridicularizar e o desrespeito iconoclasta são também essenciais ao nosso modo de gozar tal como é a submissão ao Um na tradição islâmica.

Quanto ao debate jurídico, ele é complexo e trabalha agora o conjunto das democracias ocidentais (ver a esse respeito o compêndio publicado há três meses pela Universidade da Califórnia - *Profane: Sacrilegious Expression in a Multicultural World*). Todos os anos desde 1999, negocia-se na ONU sobre esse assunto, sob a iniciativa da Organização da Cooperação islâmica. Na Alemanha, na Áustria, na Irlanda, leis proíbem os ataques ao sagrado. O Reino Unido esperou 2008 para cessar de proteger a Igreja anglicana da blasfêmia. A França se distingue pelo rigor de sua doutrina laica. Por quanto tempo ainda? Isto não está escrito. *Ei, França! Teu café deu no pé*³. O que você quer mais verdadeiramente? Conflito ou compromisso?

A ilusão lírica⁴

Quem teria acreditado? Quem teria dito? A França de pé como um só homem, ou uma só mulher. A França tornada, ou retransformada em uma. A República, corajosa, intrépida, tendo escolhido a resistência. Fim das autocríticas! Os franceses repentinamente retirados de sua depressão, de suas divisões, e até, a crer no que diz um acadêmico, voltaram a ser "os soldados do Ano II". Os franceses novamente causando admiração ao mundo. E, meneando a cabeça, o presidente Hollande a acolher, com seu ar de quem faz a primeira comunhão, os poucos homens que têm nas mãos os destinos do planeta. Por que precipitar-se deste modo a Paris? Acreditar-se-ia que eles vêm se reassegurar e reavivar seu poder, legitimá-lo, lustrá-lo. Um planeta igualmente quase unido, unânime, percorrido por um mesmo *frisson* como se formasse uma só massa, às voltas com uma pandemia emocional sem precedente, exceto, talvez, o Dia da Vitória que pôs fim à Primeira Guerra mundial, a Liberação de Paris, o 8 de maio de 1945.

A França, a humanidade, parecem não ser mais abstrações, parecem ganhar vida, encarnar-se diante de nossos olhos, em nossos corações, em nossos corpos. Teremos, então, conhecido isto, "a ilusão lírica". Impossível situar-se em relação a isso sem Freud e sua *Massenpsychologie*, ou mesmo sua doutrina do tratamento. O acontecimento produz um corte; ele reconfigura o sujeito, ou antes o faz emergir sob uma forma inédita. Contudo, as Bolsas de valores até agora não se mexeram, diferentemente de 11 de setembro. Ora, aí está o que funciona hoje como prova do real. Uma vez que elas não registraram o abalo, permanecemos no imaginário.

Tudo foi posto em movimento por três homens, nem um a mais, que deram sua vida em nome do profeta. Todavia, para controlar esse entusiasmo universal, não foram seus nomes, mas o de Charlie que surgiu no lugar. Charlie! Um semanário que, desde antes que sua redação fosse exterminada, já estava agonizando por falta de leitores. O resíduo, o dejetivo de uma época, de um espírito já superado há tempos. É aí que verificamos o que a psicanálise ensina acerca da potência que a função do resto encerra. Charlie morre assassinado na quarta-feira; no domingo, foi sua ressurreição. Sua transformação, sua sublimação, sua *Aufhebung*, em símbolo universal. O novo Cristo. Ou, para manter a proporção, o *Here Comes Everybody* de James Joyce.

Esses efeitos se devem aos nossos três jihadistas, esses cavaleiros do Apocalipse, esses soldados do Absoluto. Eles terão conseguido isto: assustar, provocar pânico em uma boa parte do planeta. Conforme escrevia ontem em um *tweet* aquele velho canalha do Murdoch, "*Big jihadist danger looming everywhere from Philippines to Africa to Europe to US*". É no número que cada um vai abrigar seu medo e sublimá-lo em ardor. O número é a resposta democrática ao Absoluto. Será que está à altura?

Nenhuma religião glorificou a transcendência do Um, sua separação, como o discurso de Maomé. Diante do Absoluto, nem o judaísmo, nem o cristianismo deixam sozinha a debilidade humana. Eles oferecem ao crédulo a mediação, o socorro, de um povo, de uma Igreja, ao passo que o Absoluto islâmico não é mitigado, permanece desenfreado. É o princípio de seu esplendor. A certeza está do seu lado, enquanto se briga sobre a definição do judeu, as igrejas protestantes discutem, e o próprio Vaticano foi atingido, nos dizeres do papa, por um "Alzheimer espiritual". Outro acadêmico prescreve ao Islã que se submeta à "prova da crítica" para ter prosperidade. De

fato, tudo está aí. É mais fácil as galinhas criarem dentes...

Quando alguém se manifesta, como faremos em algumas horas, endereça-se a uma potência que se trata de fletir. Os cortejos que, daqui a pouco, convergirão na praça de *la Nation*, não sabem disso, mas se preparam para celebrar o mestre de amanhã. E qual será ele? "Pense um pouco, dir-me-ão, viemos exaltar a República, as Luzes, os Direitos do Homem, a liberdade de expressão" etc. etc. Vocês realmente acreditam, responderia eu, solidários a esses "valores" o sr. Putin, o sr. Viktor Orban, os Grandes deste mundo? É muito mais simples. Valores eles só têm um: a ordem pública, a manutenção da ordem. E nisto os povos concordam com eles. O laço social, eis o Soberano Bem. Não existe outro. As pessoas honram as vítimas, sem dúvida. Mas de início, e por todo lado, contam com a polícia.

Pobre Snowden! Sim, queremos ser vigiados, escutados, policiados, se este é o preço da vida. Grande corrida para a servidão voluntária. O que digo, voluntária? Desejada, reivindicada, exigida. No horizonte, o Leviatã, "*Pax et Princeps*". Um momento veio a Roma, destacava outrora Ronald Syme, onde mesmo os Republicanos consideraram como um mal menor "*submission to absolute rule*". Houellebecq não se enganou sobre esse ponto: a tendência hoje, contrariamente às aparências, não é à resistência, mas à submissão.

O amor pela polícia⁵

Sem dúvida, nunca os policiais foram festejados em Paris como ontem à tarde. Três deles caíram no exercício do dever, quando protegiam os agitadores de Charlie assim como seus desenhos e piadas. As pessoas agradeciam-lhes por seu espírito de sacrifício. Ninguém imaginava imputar-lhes as

deficiências do dispositivo e os dezessete mortos que se seguiram. Pelo contrário, agradeciam à instituição policial no sentido lato: não somente "os tiras", mas os policiais, a tropa de choque (os CRS), todos os agentes dos serviços de informação e de segurança. Sobretudo, contávamos com eles para nos garantir dos excessos que viriam. Especialistas de todo tipo anunciavam com força razões pelas quais outros atentados aconteceriam e seriam irrefreáveis. O bom senso aquiesceu. Cada um, intimidado ou medroso, sabia-se, ou se sentia um alvo potencial, os judeus um pouco mais que os outros. Quatro haviam sido mortos na sexta-feira, quando faziam suas compras. Eram praticantes, ou pelo menos respeitavam todo ou uma parte do antigo código alimentar do qual algumas prescrições sem dúvida precederam a revelação feita a Moisés. Em resumo, eles se abasteciam em uma mercearia *kasher*. O fato é que os *tweets* #JesuisFlic, #Respect pour la police, pareciam infinitamente repercutidos na rede social, como por uma caixa amplificadora gigantesca.

Levada pelo mesmo ímpeto, a geração dita dos *soixante-huitards* (1968), a minha, aquela que havia gritado "CRS SS!"⁶ pelas ruas da capital há meio século, estava de pernas para o ar. Ela não se reconhecia mais. Alguém teria dito que ela vivia uma despersonalização, mas não grave, leve, agradável. Um "estranhement", para retomar a palavra de Gide. "Eu me surpreendi", lia-se esta tarde em uma nota no *Libération*, "a desejar 'boa noite'" aos CRS que estacionavam seu furgão e vigiavam em frente ao imóvel em que fica o jornal. E eu estava longe de achar ridículos aqueles que, na "marcha", que continuo a chamar de "manifestação", aplaudiam as forças da ordem que estavam espantadas de ser festejadas deste modo e se regozijavam com simplicidade" (Luc Le Vaillant). Os testemunhos afluíam dessas conversas repentinas na ordem pública.

Eis que penso no Enterro do conde de Orgaz, de El Greco, "essa obra-prima, dizia Barrès, de um sentimento ao mesmo tempo árabe e católico". Ele resume isso deste modo: "É uma composição em duas partes: embaixo, o enterro do senhor de Orgaz, acima, sua recepção na Corte celeste". Sim, alguém acreditaria que a carnificina no escritório de Charlie havia sido duplicada, de certo modo, pelo massacre metafórico, místico, dos "contestadores" de 1968. Os kalashnikovs dos irmãos Kouachi lhes haviam, por assim dizer, "colocado juízo na cabeça"⁷. Não era preciso nada menos que o assassinato sem rodeios dos extremistas de Charlie para que essa geração dos *baby boomers*, tão privilegiada, acabasse por entrever que seu conforto, ou simplesmente sua sobrevida, devia todos os seus dias à existência e à devoção das forças da polícia que ela havia conspurcado na sua juventude. Muitos desses insensatos haviam esperado se tornarem velhos para conhecer algo dos arcanos do mundo: como se mantêm as cidades, os impérios, os Estados, o preço que se liga à ordem, "as revoltas lógicas", seu caráter efêmero etc. etc., em resumo, tudo o que Lacan subsume ao nome de "discurso do mestre".

Para falar a verdade, os antigos contestadores se desligaram havia muito tempo, e a Revolução em que tinham encontrado certa época sua razão de ser nem era mais para eles um sonho. Às vezes, no máximo, uma postulação, uma hipótese. Mas seu universo mental não estava sempre no tempo de sua vida cotidiana. Eles acabam de ser forçados a um *aggiornamento* brusco. Em sua defesa, é preciso dizer que a polícia com a qual tiveram de se haver na sua juventude datava de antes de "O suicídio francês" - para retomar a terminologia de M. Zemmour - era uma polícia "viril", que adquiriu experiência durante a guerra da Argélia. Ela própria perpetrara um massacre memorável no dia 17 de outubro de 1961, antes de provocar, no ano seguinte, a morte de nove manifestantes franceses, comunistas, no metrô

Charonne. Se quisermos nos lembrar do que foram os policiais franceses que vieram buscar os judeus (estrangeiros, como sublinhou M. Zemmour) para conduzi-los ao Velódromo de Inverno, talvez sejamos mais indulgentes com a juventude de 1968 que assimilava um pouco rápido as Companhias Republicanas de Segurança (CRS), criadas pelo socialista, às tropas de Heirich Himmler.

Já vai longe. O tempo passou. O controle social segue agora vias mais discretas, oblíquas. Exceto na juventude pobre de origem árabe ou africana, o ressentimento em relação à polícia não é mais o que era. No entanto, o favor, o fervor que a polícia encontrou na população parisiense no último domingo é um fenômeno inédito. Sem dúvida, algo nunca visto na história da França. O que se encontra em momentos privilegiados - que seja dito sem cair em uma mitologia romântica à qual um De Gaulle jamais cedeu - é a osmose de uma população com as forças armadas nacionais destinadas a protegê-la das agressões externas. Mas o amor da população pelas forças de repressão interior? Não vejo exemplo. Nem no tempo de Ravachol e dos anarquistas. Será preciso pesquisar. Enquanto espero, percebo que uma explicação é que o islamismo guerreiro é tido pela população como um verdadeiro inimigo interno. A polícia tem por missão combater como as forças armadas combatem ou previnem as ameaças exteriores. Inclusive, não dizemos que a proteção dos estabelecimentos judeus será em breve confiada aos militares? Desde então, se concebo o que pode haver de chocante e perigoso, a expressão 'inimigo interno', que foi empregada pelo Primeiro Ministro, não parece infundada.

Falei acima dos diálogos dos antigos contestadores da ordem pública. A palavra 'conversão' pertence atualmente a Houellebecq, que por sua vez a toma de Huysmans. Ele captou a tendência, para aí implicar o islã. Apenas, cuidado, esse islã é completamente oposto ao islamismo. Tal como ele o

põe em cena na sua sátira, trata-se de um discurso assegurando a paz civil, a segurança dos bens e das pessoas, o pleno emprego. E, claro, aquilo a que assistimos, de fato, e que estupefica por sua amplitude, é a uma conversão securitária tão massiva quanto repentina da população francesa. Mas ela passa por outras vias que aquela que anunciava nosso visionário. Pode-se dizer que a França experimenta um verdadeiro amor à primeira vista por sua polícia.

Será que esse enamoramento será duradouro? Aqui é preciso se reportar à estrutura do "tempo lógico", tal como Lacan a extrai.

A forma instantânea aparece como a primeira. É o choque inicial, o *insight*, digamos em inglês, a epifania no sentido secular popularizado por Joyce: "o instante de ver". Depois a duração retoma seus direitos: o sujeito cogita, remói, suputa, carbura, elabora, não se sabe quanto tempo será preciso, por quais aproximações, por quais tormentos, por qual dialética deverá passar. É o "tempo para compreender". Estamos neste ponto. Os franceses pensam, se falam, escrevem, o país balbucia, é percorrido por uma intensa atividade intelectual. Imagino que o mesmo acontece nos outros países da Europa, mas em menor escala. Para eles somos uma grande potência, e depois nos pegaram pelo pescoço. Isso concentra incrivelmente a atenção. Todos sem exceção, cá estamos em suspenso. Vivemos sob o regime do *imparfait*⁸ do linguista Guillaume: "Um instante depois, a bomba explodia". Sim? Não? Impossível saber. Quanto ao terceiro tempo, o "momento de concluir", este é para mais tarde.

Se admitimos, a título de hipótese, que o fenômeno social ao qual assistimos, e participamos, tem a estrutura de um enamoramento, não é difícil precisar a que tipo corresponde o objeto de amor aqui em jogo. Fieemo-nos nas indicações de Freud em sua obra intitulada "Introdução ao

narcisismo" (1914). A polícia como objeto de amor parece ser escolhida sob o modelo primário de "a mulher que dá seus seios [à criança]": a mãe, o Outro materno, fornecendo ajuda e proteção. O terror, o sentimento de aflição que envolveu cada um após o massacre de Charlie, tem por efeito precipitá-lo nos braços desse Outro. Este assume para os judeus a figura de Israel. Por hipótese, o assujeitamento coletivo se tece deste modo, fio por fio, a partir da relação de cada sujeito com o Outro. É a lição de Freud em sua "Psicologia das massas" (1921).

Isto não é tudo. Como não supor que os massacres desses últimos dias induziram conversões islâmicas? Esses massacres são feitos em parte para isso, para recrutar. Certamente, essas conversões permanecem invisíveis a nós, elas só se revelarão *a posteriori*, mas já se pode saber que a escolha de objeto de amor neste caso é de outro tipo. É o tipo dito narcísico. O sujeito ama a si mesmo como o que ele queria ser, o soldado do Absoluto, Rambo do Ideal, armado até os dentes, impenetrável à dúvida, disposto a dar sua vida pela Causa, ao passo que, na versão precedente, domina o *Primum vivere*.

Para terminar, pois me estendi, destacaria que o recurso feito a Freud não nos impediria de reconhecer que a massa deslocada no domingo passado tinha pouquíssimo a ver com aquelas "massas" do século XX descritas em sua "Psicologia das massas".

Essa não foi nem mesmo uma manifestação, apenas uma "marcha", para não dizer uma errância. Nenhum discurso, nenhuma palavra, nada. Todo mundo mudo. Como *slogan*, o famoso "Eu sou Charlie", que não tinha nada de um "significante-mestre" homogeneizando os sujeitos. Era mais uma espécie de "significante-colega", que dava ao grande aglomerado seu aspecto de albergue espanhol. É "o sinal do individualismo muito avançado que caracteriza nossas sociedades ocidentais", observava o historiador Pascal Ory

no *Le Monde*. Pode-se dizer assim. Susana, uma amiga de Tel-Aviv, analista, disse isso de outro modo. Tendo acompanhado o espetáculo pela televisão, ela me escreveu na mesma noite: "Ver os líderes alinhados, marchando com os braços entrelaçados, unidos na ausência de objetivo, era de chorar. Acho que não apenas eles perderam toda a esperança, mas pior, perderam o desespero". Contudo, de Beirute, *L'Orient le jour* escreve: "Ontem, a França recuperou a Bastille". Hum...

Todos estão de acordo em dizer que a imagem que ficará desse momento histórico será a de François Hollande abraçando o médico Patrice Pelloux em lágrimas. Ele acaricia seus cabelos, o rosto. Ele o embala.

Ao mesmo tempo, os sobreviventes de Charlie têm um ataque de riso: um pombo acaba de soltar sua titica, maculando o ombro do presidente.

Continua

Ps 1: A anedota do pombo está em *Le Monde*, *Le Figaro* etc.; existe um vídeo.

Ps 2: M. Roland Rouzeau me lembra por e-mail que o delito de blasfêmia existe ainda na Alsácia e em Mosela. Fica aqui registrado.

O segredo de Charlie⁹

Na Argentina, titica de pomba dá sorte. Foi o que me informou minha amiga Graciela, que se bronzeia na praia: "Aqui, se uma pomba caga em alguém, é sinal de sorte". Aceitemos isto como augúrio. Sabemos que o presidente crê na sua sorte. Em suma, estamos na merda, é bom sinal.

Graciela, que leu meus cursos, se pergunta se não haveria aí uma "resposta do real", uma manifestação dos Deuses. Os Romanos, são supersticiosos, não teriam deixado

de acreditar nisso. E não nos esqueçamos de que Jesus, uma vez batizado, viu o céu se abrir "e o Espírito Santo desceu sobre ele em uma forma corpórea, como uma pomba" (Lucas, 3: 21). Teria, então, uma títrica divina, o papel de "Ampola Sagrada"¹⁰? Teria a Av. Voltaire função de catedral de Reims? E o presidente da República seria agora o Ungido do Senhor?

As afinidades do Espírito Santo com o objeto anal não estão mais por descobrir.

Lacan, evasivo, cita o artigo de Ernest Jones sobre a fecundação da Virgem Maria pela orelha, que põe dito Espírito Santo como análogo ao peido. Nenhuma blasfêmia: a tese é anatomicamente fundada, uma vez que a boca e o canal anal correspondem às duas extremidades do tubo digestivo. O sopro espiritual é parente do gás intestinal, a fala se parecia com o excremento.

Vê-se que a psicanálise em seus verdes anos não era sem afinidade, e reciprocamente, com o espírito do desenho nas tiras de Charlie. A escatologia é o mais puro de sua inspiração desde o Hara-Kiri do professor Choron. O fio atravessa seus diversos avatares, anarquista, ecologista, esquerdista, neoconservador. "Jornal besta e maldoso"? "Jornal irresponsável"? São aproximações. O de que se trata na verdade, é isto: Charlie tem uma missão neste mundo, revogar qualquer sublimação para honrar a pulsão.

Deste modo, essa folhinha que não é folha de videira, teremos entendido - tem seu lugar na história dos costumes. Calcemos nossas botas de sete léguas afim de percorrer bravamente a sequência dos séculos. Aceleradamente, como em um desenho animado.

As aventuras da pulsão

1. O mundo antigo greco-romano estava muito mais próximo da pulsão do que nós, conforme destacaram Schopenhauer, Nietzsche, Freud, e os outros. Depois veio o

discurso cristão. O título de Peter Brown diz tudo: a renúncia à carne. Virgindade, celibato e continência no cristianismo primitivo. A cristandade retrocede às fontes grego-romanas no Renascimento. Segue-se uma nova aliança entre a religião e a carne. É um dos motivos da revolta protestante, que, contudo, em outro plano, também dá lugar à carne, mesmo que seja pelo casamento dos pastores. Não se deve negligenciar o gosto de Martin Luther King pela escatologia. Teria ele dito: "Eu sou Charlie"?

2. Aí está o divisor de águas. O protestantismo terá austeridade, a Igreja católica o prazer dos sentidos, que decidiu mobilizar no Concílio de Trento, visando à propagação da fé. O século XVII teve grandes deslocamentos de população: "*Great Migration*" dos puritanos ingleses para as colônias americanas (80.000 pessoas); diáspora dos huguenotes após a revogação do Édito de Nantes (400.000). O século XVIII na França? Talleyrand, nascido em 1754, dirá mais tarde: "Aqueles que não conheceram o Antigo Regime nunca poderão saber o que era a doçura de viver".

3. Napoleão, digamos, é a ordem moral. A Santa-Aliança o estende a toda a Europa. Há, em seguida, para dar o tom, *Queen Victoria*.

Galhofa: tendo lido o livro de Lytton Strachey com o mesmo título, Lacan diz que ela foi a condição *sine qua non* de Freud. A Belle Époque desemboca na carnificina de 14. Seguem os Anos loucos etc. À Liberação, o totem, é o Tabu, rua Dauphine, esquina da rua Christine. Últimas guerras coloniais. Em 1960, Hara-Kiri aparece. Xixi, cocô, bilau e xereca. Ufa! A gente respira. Respira miasmas, mas o odor também é vivificante como o dos queijos de Jerome K. Jerome. A gente, o Grande Charles e a Tia Yvonne (apelido popular da sra. De Gaulle).

4. Digam-me, vocês que vão (ou não vão) à exposição de Sade no Museu d'Orsay, e que leem, na coleção Pléiade, que, na época, um livreiro de Saint-Germain-des-Près os conduzia

para detrás da loja para passar-lhes os pequenos volumes azuis de Justine e Juliette, impressos por Pauvert em papel barato. A gente não corria grande risco, mas, enfim, gozava a conta-gotas do *frisson* do proibido. Na mesma época, os jornais de esquerda eram mutilados quando falavam da tortura na Argélia; eles eram publicados com grandes espaços em branco. A censura era tão familiar que estava personificada: desde os anos 1870 ela se chamava "Anastasia". Era uma espécie de bicho-papão feminino, armado com duas grandes tesouras (castração!). O cúmulo foi alcançado no dia em que, sob o empenho da sra. De Gaulle, mobilizada, digamos, pelas religiosas da União das superiores maiores, o ministro da cultura proibiu o filme lançado por Jacques Rivette sobre *A religiosa*, de Diderot.

5. Era 1966, ano em que foram lançados os *Escritos* de Lacan. Nesse tempo, vejam vocês, falar, escrever, isso contava, fazia reagir, como em tempos mais remotos. Se você se pegasse com o exército, a Igreja, mesmo através de Diderot, que contudo tinha sua estátua em Paris e sua Pléiade em Gallimard, do outro lado vinha a reação. O Outro moral ainda não se colocara entre os inscritos ausentes. O xixi, cocô, bundinha mantinham uma potência de transgressão. Tanto que o Outro dos anos De Gaulle e Pompidou respondeu presente, essa foi a grande época do professor Choron. Mas, na sequência, esse Outro foi desmantelado pedaço por pedaço. As etapas desse processo são retraçadas na recente soma de Eric Zemmour, cujo caráter por vezes desmesurado não apaga de modo algum o interesse documental. Na verdade, esse Outro nunca passou de um fantoche acionado por um bonequeiro genial. O General sabia e disse isso. Inclusive, uma de suas frases favoritas era, nas palavras de seu confidente, Alain Peyrefitte: "Eu sempre fiz assim. Isso sempre acaba acontecendo" (*C'était De Gaulle*, p. 171).

6. Charlie Hebdo, que continuou o trabalho de Hara-Kiri, estrangulado sobre o caixão do General, também morreu, mas de morte natural, em 1981, quando a esquerda chegava ao poder com Mitterrand. Depois de muito tempo o velho Outro neo-gaullista, progressivamente desativado como Hal no filme de Kubrick, 2001, não respondia mais às provocações senão por um muxoxo, acompanhado de um dar de ombros que o mundo de língua inglesa isolou com o nome de "*Gallic (ou French) shrug*", de tanto que isto lhes pareceu característico de nosso modo de ser. Difícil transgredir quando não há mais limites, ou não muitos. Ou então, teria sido preciso passar à injúria, à difamação, ao racismo, ao apelo ao assassinato. Quem matou Charlie? Para dizer em uma palavra, foi a permissividade. Essa palavra não está no dicionário *Littré*; ela só foi atestada pela língua em 1967; é traduzida do inglês "*permissiveness*", 1947 (*Le Robert. Dictionnaire historique de la langue française*).

7. Do Charlie cuja redação acaba de ser exterminada, direi pouco.

A publicação renasce, depois de uma solução de continuidade de onze anos, em 1992. A presença dos grandes antigos e a obediência à pulsão mantida sob a forma canônica xixi, cocô, bundinha, atestam que a retomada do título não foi uma impostura. Seus grandes feitos: voltar a publicar em 2006 as caricaturas dinamarquesas de Maomé; lançar em 2011 um número arrastando/zoando a carroça/Sharia (*charriant la charia*). Já no dia de sua publicação, o local foi incendiado; o diretor da redação, Charb, e dois outros desenhistas, receberam proteção policial. As ameaças islâmicas se multiplicaram. Em 2013, a revista digital, publicada pela Al-Qaïda na Península Arábica, divulga o nome de Charb na lista das personalidades procuradas por "crimes contra o islã" (Wikipédia). Na semana passada, no dia 07 de janeiro, aconteceu o massacre.

Três teses, um paradoxo

Nada nos primeiros 21 anos da revista permitiam pressagiar que a maior parte da redação cairia sob as balas de guerreiros islâmicos. Mas também, por que se obstinar a debochar dos valores sagrados da religião muçulmana, uma vez que o risco era patente e o perigo indubitável?

Há a tese nobre: eram combatentes da liberdade de expressão. Charb, que era comunista, disse isso em uma fórmula muitas vezes citada e que passará à posteridade: "Certamente isto parece um pouco pomposo, mas prefiro morrer de pé a morrer de joelhos". Há a tese ignóbil, a de que Tariq Ramadan alardeava desde a noite da matança, em um diálogo em inglês com Art Spiegelman, o criador de Maus: era para fazer dinheiro. Por fim, há a tese, por assim dizer, clínica exposta por Delfeil de Ton na edição de ontem do *L'Obs*.

Antigo integrante de Charlie e amigo de Charb, DDT destaca em um texto perturbador a teimosia de Charb e sua responsabilidade: "Ele era o chefe. Que necessidade teve ele de arrastar a equipe para o exagero?". Ele lembra o que disse Wolinski depois do incêndio do prédio: "Acho que somos uns inconscientes e imbecis que se expuseram a um risco inútil". Ele conclui: "Charb preferia morrer e Wolin preferia viver". A gente se pergunta depois de lê-lo: "Charb suicida? Charb melancólico?". De fato ele se apresentava como homem sem nada, sem nada a perder: "Não tenho filhos, nem mulher, nem carro, nem crédito". Seria a jubilação semanária da fina equipe, para dizer ao modo de Melanie Klein e Winnicott, uma defesa maníaca contra a depressão? Por trás da parada fálica, a pulsão de morte, era ela o segredo de Charlie?

Se for preciso escolher entre essas três teses ou hipóteses, excluo de saída a segunda, pois, objetivamente, o interesse financeiro ali não estava à altura dos riscos corridos. Seria preciso supor em Charlie a paixão de

Harpaon, e nada indica isto. É uma ignomínia do professor da Oxford University. A tese 3 merece consideração, mas se empalidece diante da primeira, uma vez que o heroísmo de um melancólico, assim como o de um psicótico, de um perverso ou de um neurótico, continua a ser um heroísmo.

Aqui, cuidado. Para que houvesse o que se chama de heroísmo, quer dizer, sacrifício por um ideal, é preciso que haja sublimação. Ora, defendi que Charlie era o anti-sublimação, que estava votado ao culto da pulsão, à exaltação do gozo. Contradição. É aí que uma frase de Erik Emptaz, na primeira página do *Canard enchaîné*, nos esclarece. Enquanto o órgão satírico se torna objeto das mesmas ameaças que Charlie, ele se compromete com seus colegas a "rir de tudo", exceto da "liberdade de poder fazê-lo". Esse é o ponto, e de fato ele se desdobra.

1) Se quero rir de tudo, é impossível fazer gracejo com a liberdade de rir de tudo. Portanto, o riso para por aí. Não se ri da liberdade de rir de tudo, ela deve ser tomada a sério. Em outras palavras, quem quer rir de tudo não ri de tudo. 2) Debochar de tudo, inclusive de minha liberdade de fazê-lo, tem o mesmo resultado. Eu sacrifico minha liberdade de rir para acender uma vela para Deus e outra para o diabo. Resumindo, para poder rir de tudo, devo me abster de rir de tudo. A posição 2 é cínica, a posição 1, chamo-a de heroica.

Talvez alguns entre os Charlie se acreditassem cínicos. Talvez até o fossem, mais ou menos. Mas o fato é que eram heroicos, e Charb sabia disso. Nós constatamos a *posteriori*. O erro de Deleil de Ton, me parece, é de nos pintar um Charb habitado por um "Viva a morte". Contudo, o que disse acerta em uma fórmula totalmente diferente, que faz dele um verdadeiro "soldado do ano II", e não de fachada: "A liberdade ou a morte".

É a "... ou a morte" que é decisiva neste caso. Quem não coloca sua vida na balança do destino e não engaja seu

ser, mas apenas seu talento, está de brincadeira, não é sério. O primado da vida está, doravante, tão bem ancorado nas sociedades ocidentais quanto no momento do caso da barragem de *Sivens* que custou a vida a Rémi Fraisse, em relação ao qual foi possível ouvir um responsável local do Partido Socialista proferir esta enormidade: "Morrer por ideias é uma coisa, mas mesmo assim é relativamente estúpido e besta".

Não massacremos o infeliz. O que se entende não é certamente o que ele quis dizer - que Rémi viera defender uma ideia, que ele não pensava expor sua vida, que lhe foi roubada por uma triste combinação de circunstâncias etc. Mas essa afirmação, de ser uma espécie de lapso, é ainda mais verídica. E já se vão vinte anos que Lipovetski publicava *O crepúsculo do dever*. Nada de espantoso em não hesitarmos a negar aos mártires de Charlie a qualidade de heróis, e a fazer deles, pelo menos em meias-palavras, imprudentes, para não dizer doidos. Correlativamente, pisoteamos seus assassinos.

Esses três homens, os terroristas, tê-los matado não nos basta. É preciso ainda que tenham sido loucos, doentes, e sobretudo bárbaros. São chamados de bárbaros aqueles aos quais se nega que pertençam a uma civilização digna desse nome. Saibamos de início reconhecer que nossos guerreiros vêm de um discurso diferente do nosso, não menos estruturado, não menos "civilizado", mas civilizado de outro modo. E nesse outro discurso são eles também heróis.

Para os gregos da Antiguidade, bárbaro era aquele cuja fala lhes era ininteligível, donde esta expressão, formada pela reduplicação *bar bar*, como nosso blábláblá. Bárbaro é aquele que não fala, mas faz barulhos com a boca. E, de fato, quando um dos irmãos Jouachi, ao saírem do massacre, e antes de entrar no carro, lança na rua, pausadamente, em voz alta e inteligível, por três vezes, o grito: "Vingamos o profeta Maomé!", nós não ouvimos nada a não ser que o

islã não tem nada a ver com isso e que se trata de brutos sanguinários e perturbados.

E por que não dizer, se é assim, "animais de duas patas", como os romanos diziam dos hunos?

Nota Bene

- O livro de Peter Brown foi publicado em 1988; ele saiu em francês pela editora Gallimard, em 1995.

- Sobre o caso de *La Religieuse*, consultar os *Cahiers d'études du religieux*, <http://cerri.revues.org/1101>.

- O vídeo intitulado "Comics Legend Art Spiegelman & Scholar Tariq Ramadan on Charlie Hebdo & the Power Dynamic of Satire" é visível no site Democracy now. URL: http://www.democracynow.org/2015/1/8/comics_legend_art_spiegelman_scholar_tariq.

- O responsável socialista pelo Tarn, em vídeo: <http://www.lefigaro.fr/politique/le-scan/citations/2014/10/28/25002-20141028ARTFIG00107-sivens-mourir-pour-des-idees-c-est-stupide-juge-le-president-ps-du-tarn.php>.

- Sobre os bárbaros: de Bruno Dumézil, *Les Barbares expliqués à mon fils*, Seuil, 2010.

- Os dois irmãos, ao saírem do massacre de Charlie, foram identificados em um vídeo obtido pela agência Reuters. Ele se encontra na net desde ontem de manhã: <http://fr.euronews.com/2015/01/13/nouvelle-video-glacante-des-freres-kouachi-juste-apres-le-massacre/>

- Enfim, espero voltar à tribuna publicada ontem em *Le Monde*, p. 9, pelo Pe. Alain Renaut, que dá corpo, em termos certamente ainda muito gerais, disso que eu chamaria de via do compromisso, sob a forma dita de um "multiculturalismo temperado pela preocupação com o interculturalismo".

Tradução: *Teresinha N. Meirelles do Prado*

¹ Escrito na quinta-feira, dia 8 de janeiro de 2015. Enviado à redação do *Le Point* às 11h.

² N.T. Jean-François Lefebvre, conhecido por 'Cavaleiro da barra', nobre francês condenado à morte por não ter feito reverência quando passava uma procissão católica. Ele foi torturado, decapitado e queimado, e depois tornou-se um símbolo contra a intolerância religiosa cristã.

³ Frase atribuída à última amante do rei Luís XV (antes da revolução francesa), Condessa du Barry, em alusão à sua vulgaridade e à submissão do rei em relação a ela.

⁴ Paris, 11 de janeiro de 2015, manhã. MILLER, J.-A. (11 jan. 2015). "Marche républicaine: l'illusion lyrique". In: *Le Point.fr*. Disponível em: http://www.lepoint.fr/invites-du-point/jacques-alain-miller/jacques-alain-miller-marche-republicaine-l-illusion-lyrique-12-01-2015-1895804_1450.php.

⁵ Paris, noite da segunda-feira, dia 12, à terça-feira dia 13 de janeiro de 2015. Publicado no *Le Point.fr* às 11:37hs. MILLER, J.-A. (13 jan. 2015). "L'amour de la police". In: *Le Point.fr*. Disponível em: http://www.lepoint.fr/invites-du-point/jacques-alain-miller/jacques-alain-miller-l-amour-de-la-police-13-01-2015-1896090_1450.php.

⁶ N.T. Grito de protesto que associava o batalhão de choque Francês (CRS) à polícia nazista (SS).

⁷ N.T. A expressão em francês é "*mis du plomb dans la cervelle*", que tomada literalmente, seria: colocou chumbo na cabeça.

⁸ N.T. Em português, pretérito imperfeito do indicativo.

⁹ Paris, quarta-feira, 14 de janeiro de 2015. Texto expedido às 8h. MILLER, J.-A. (15 jan. 2015). "Le secret de 'Charlie'". In: *Le Point.fr*. Disponível em: http://www.lepoint.fr/invites-du-point/jacques-alain-miller/jacques-alain-miller-le-secret-de-charlie-15-01-2015-1896745_1450.php.

¹⁰ N.T. "Sainte Ampoule": objeto que guardava o óleo sagrado utilizado na unção dos reis da França por ocasião de sua coroação na catedral de Reims.